

A Batalha do Trigo em Santa Catarina e sua Influência Econômica e Social

ANTÔNIO LÚCIO

COM a Primeira Exposição Estadual do Trigo a realizar-se na cidade de Joaçaba, em dezembro do corrente ano, é oportuno restabelecer a verdade desenterrando do esquecimento os verdadeiros pioneiros dessa batalha já quase triunfante. Dizemos quase, porque as forças ocultas de vez em quando tentam ainda algumas investidas.

Os que conhecem os bastidores da história, sabem que ela está repleta de capítulos onde os verdadeiros autores são obscurecidos pela vaidade dos aproveitadores do esforço alheio.

Conheci em 1925, em São Joaquim, a Manoel Dutra Bessa.

Descendente dos primitivos povoadores do litoral lagunense, havia, anos antes, galgado a Serra Geral, atravessado os campos do Planalto Serrano e atingido o Vale do Urubici, na encosta da serra, do outro lado.

Ao contemplar aquê-le vale maravilhoso, cujas terras se prestavam admiravelmente para o plantio do trigo, fêz como o lendário Capitão Rodrigo Cambará de que nos fala o maior romancista brasileiro, Érico Veríssimo, no seu magistral romance "O Tempo e o Vento" que, ao chegar em Santa Fé foi dizendo: "estou gostando disto aqui, acho que vou ficar". E ficou.

Manoel Dutra Bessa era um tipo singular. Tez bronzada, palavra fluente, tipo do caboclo destemido e loquaz, apaixonou-se pela cultura do trigo e pelo Vale do Urubici.

A povoação, por êsse tempo, 1920, contava apenas algumas casinhas de madeira com uns poucos moradores indígenas.

Por sua própria iniciativa e à sua custa, tocou-se Bessa para o Sul do Estado, a visitar a região colonial dali, fazendo propaganda do Vale do Urubici aliciando colonos italianos, alemães, poloneses e russos, já afeitos à cultura do trigo em suas pátrias.

Dentre os primeiros que se sentiram seduzidos por Bessa, anotamos João Matias Meurer, Ricardo Kruger, Benevenuto Lorezzetti, Antônio Monn, Eduardo Dirkzen, Amilcare Zapeline, Pedro Coppetti e entre os nacionais, Pedro Albino, Antônio Ramirio Godinho, José Saturnino de Sousa, Belisário Henrique de Oliveira, Hipólito da Silva Matos, José Gaspar Fernandes, Inácio Saturnino de Oliveira e outros desbravadores indígenas.

Arranjou as primeiras sementes e de colônia em colônia, perambulava Bessa a ensinar, a doutrinar e a estimular o plantio do trigo, sua colheita e trilhagem, então feita a casco de cavalo.

Floresceram os primeiros trigais. Bessa convence aos Irmãos Ghisoni a instalarem um pequeno moinho.

Qual novo Dom Quixote, apaixonado pela sua Dulcinéia, Bessa montava a cavalo e percorria 40 léguas para atingir a Capital do Estado em busca de sementes, arados e outros auxílios para os lavradores. Nas repartições, nos cafés, nas barbearias, na rua, onde quer que se encontrasse Manoel Dutra Bessa, lá estava êle a falar em trigo e no Vale do Urubici. Era um obcecado. Teimoso, perseverante, sôzinho, com as suas forças combatidas e seus cabedais gastos, não desanimava.

Consumiu o pouco que tinha e tudo quanto ganhava na propaganda do trigo nacional.

Alcançávamos o ano de 1926 e Adolfo Konder assumia o Governo do Estado.

Em 1922 havia participado, no Rio de Janeiro, de uma Conferência Econômica, na qual fôra focalizada uma tese sôbre o trigo e extensão e a produtividade de sua cultura no mundo.

Relatada por um triticultor australiano, estranhava que o Brasil, apresentando condições propícias, não cuidasse de tão importante problema.

E foi assim que ao assumir Adolfo Konder o governo de seu Estado, em 1926, resolveu pôr em prática aquilo que de há muito vinha preocupando seu atilado espírito de bom brasileiro.

Para iniciar a batalha do trigo, nomeou uma comissão. Esta fracassou totalmente. Adolfo Konder destituiu-a e assumiu o comando.

Foi quando conheceu Bessa que correu para a Capital ao ter notícias de que o novo Governador ia iniciar oficialmente a grande batalha, já por êle engajada no sertão de Urubici.

Adolfo Konder lutava para a obtenção de sementes pois as primeiras que havia adquirido eram imprestáveis. Bessa informou-lhe que havia fixado algumas variedades em Urubici, principalmente a "Assis Brasil", com excelentes resultados.

O jovem Governador não titubeou. Atingiu Bom Retiro e ali monta a cavalo e depois de 40 quilômetros, alcança o modesto distrito de Urubici.

Seus olhos extasiaram-se diante dos louros trigais que se estendiam até o Vale do Canoas.

Vai ao Moinho dos Ghisoni, escolhe as melhores sementes e em cargueiros despacha-as para Florianópolis.

Inicia então a sua marcha começando por Jaraguá. Atravessa São Bento, Campo Alegre, Itaiópolis, Mafra, Pôrto União, Caçador, Rio das Antas, Perdizes e Joaçaba, então Cruzeiro do Sul, sendo êstes últimos municípios na região Oeste.

Encontrava-se o Oeste Catarinense na sua fase de colonização com a entrada de colonos ítalos e teutos vindos na sua grande maioria dos municípios de Guaporé, Bento Gonçalves, Caxias e Alfredo Chaves, no Rio Grande do Sul, onde já praticavam a triticultura em pequena escala, pois que a princípio plantavam para uso próprio conforme é de hábito do colono que se dedica a uma cultura, mas não descarta as demais. A sua principal atividade era a criação de suínos com a cultura do milho de onde auferiam a sua maior renda, mas plantando também o trigo, o feijão, a uva, o fumo, etc. em menor escala.

Adolfo Konder apelou para os colonos no sentido de que plantassem o trigo, lançando o seu "slogan": *Lavrador de Santa Catarina, planta o trigo e a felicidade baterá à tua porta numa chuva cantante de grãos de ouro.*

No primeiro ano, 3 mil toneladas eram colhidas. Pouca coisa nos dias atuais, mas muito naquela época e diante dos fatores que influenciavam poderosamente na árdua batalha.

Em 1930 Adolfo Konder terminava seu mandato e em 1934 Manoel Dutra Bessa, pobre, esgotado pelo gigantesco esforço despendido em condições primárias, numa região sem meios de comunicações e numa luta para a qual não contava com os recursos que a técnica hoje proporciona, morria em Florianópolis, onde fôra em busca de recursos.

E durante alguns anos não se falou mais em trigo.

Urubici, que fazia da cultura do cereal-rei uma das bases de sua economia, continuou a cultivá-lo, mas sem grandes progressos, pois não tinha estradas para o seu escoamento e minguava-lhe tôda e qualquer espécie de assistência.

No Oeste, pelas mesmas razões a sua cultura arrastava-se morosamente.

Em 1938, no govêrno de Getúlio Vargas, foi reiniciada a batalha, com um pouco de assistência compreendendo-se a distribuição de sementes e a fixação de um preço mínimo.

Demos um grande salto. De 5 mil toneladas pulamos para 50.

Começaram a ser instalados os primeiros moinhos nas zonas de produção, para sua industrialização. Eram êsses moinhos de capitais genuinamente nacionais, pois que eram na sua quase totalidade dos próprios colonos e homens do comércio aqui radicados.

Aí vem agora um capítulo negro na história do trigo.

As forças ocultas, que a princípio não acreditavam na nossa capacidade de produção, alar-maram-se e puseram-se em campo para matar a lavoura e os pequenos moinhos.

Na época da colheita abarrotavam os nossos mercados com um produto a preço muito inferior ao nacional. Passada porém, a safra, impunham-nos o seu preço arbitrariamente. Não há quem ignore o câmbio negro.

A falta de transporte era outro obstáculo insuperável. Daí o Serviço de Expansão do Trigo determinava medidas por onde se via claramente a influência das forças ocultas. Determinava que o trigo nacional fôsse remetido para os moinhos sediados no Norte e no Litoral do país e, os da zona de produção, deviam moer o produto estrangeiro. Surgiu então o chamado "*passero do trigo*". Houve anos em que os moinhos da região produtora estiveram fechados; os armazéns abarrotados de trigo; as praças sem farinha e os colonos para não sofrerem prejuízo total, engordaram suínos a trigo.

E assim de uma cajadada matavam dois coelhos. A lavoura tritícola e os pequenos moinhos.

Como era de se esperar, veio o desânimo. Caiu a produção.

O govêrno do General Dutra tenta nova investida. Mais lá estavam as forças ocultas vigilantes e sempre as portarias do Serviço de Expansão do Trigo contrárias aos interesses nacionais.

Promovemos reuniões várias na zona de produção, principalmente em Joaçaba. Endereçamos memoriais contendo sugestões adequadas preservando os interesses nacionais. O então Secretário da Agricultura de Santa Catarina, Leoberto Leal, aqui compareceu e esposou as razões apresentadas pelos triticultores do Oeste, juntando os seus esforços no sentido de se obterem os meios indispensáveis à defesa do nosso produto.

Na tribuna e na imprensa pleiteávamos uma série de providências que viriam desenvolver e defender a nossa produção.

O crédito ao pequeno produtor apareceu por intermédio da Carteira Agrícola do Banco do Brasil. A princípio, difícil, burocrático, quase inexistente. Pleiteamos a sua simplificação. Na Conferência Econômica das Classes Produtoras, em Araxá, focalizávamos o tema do crédito agrícola ao pequeno produtor.

Vieram os primeiros resultados favoráveis. Os financiamentos passaram a ser uma realidade.

O Banco do Brasil, neste último ano, simplificou consideravelmente seus processos e aumentou para 50 mil cruzeiros os empréstimos ao lavrador com um mínimo de formalidades.

No atual govêrno do Presidente Getúlio Vargas, começam finalmente a compreender a realidade.

O Serviço de Expansão do Trigo é entregue a um homem capaz e honesto e a campanha toma novo alento.

Tentam o seu afastamento, mas o Presidente Vargas está vigilante e não só se recusa a assinar sua exoneração como ainda lhe dá mais fôrça.

Com o crédito veio a assistência por meio da distribuição de sementes selecionadas e fornecimento de máquinas agrícolas.

A colocação do produto merecia especial cuidado pois a falta de transporte agravava-se cada vez mais. Como seria possível levar o trigo daqui para os moinhos do Norte e do Litoral e como os da zona de produção receber o grão estrangeiro? Então acertadamente o Serviço de Expansão do Trigo tornou obrigatória a aquisição de cotas do nacional, sem o que não recebe o estrangeiro. Para evitar o "passeio do trigo", estabeleceu o convênio entre os moinhos fora das zonas de produção e os desta região, os quais moem as cotas dos primeiros e estes ficam com as cotas dos últimos ajustando-se a diferença de preços.

E assim o ano de 1951 correu sem maiores novidades dando excelentes resultados.

1952 marca o início de uma nova era para a triticultura nacional.

Restabelecida a confiança, a safra, só no Oeste Catarinense, pula de 50 mil toneladas para 200 mil.

Culturas fiscalizadas, fornecimento de máquinas e sementes, crédito fácil e rápido, preço mínimo e garantia de colocação do produto.

Houve ainda uma tentativa de abarrotar no momento os mercados internos com o grão estrangeiro a preço inferior. E a COFAP, ou por ingenuidade, ou por outros motivos, ia caindo no conto não fôra a ação pronta e alerta do Diretor do Serviço de Expansão do Trigo.

Ainda há homens honestos e capazes no Brasil. Graças a Deus!

De lavoura secundária, passou o trigo a ocupar lugar preponderante na economia desta zona. O valor da presente safra é de 500 milhões de cruzeiros.

A sua cultura é praticada pelo colono com sua família.

A mecanização nas zonas propícias teve o seu início.

Digno de menção é o fato de que os índios localizados em Xanxerê, numa gleba que lhes pertence, — e na qual os especuladores de terras quiseram avançar — com a assistência de técnicos do Serviço de Trigo, também estão plantando o cereal-rei.

E' pois interessante observarmos que a lavoura tritícola exerceu e está exercendo decisiva e benéfica influência. Constitui uma apreciável fonte de renda na nossa balança comercial; atraiu o colono ítalo e o teuto formando núcleos de civilização; está civilizando o índio, dando-lhe trabalho e melhorando suas condições de vida, sendo esta última parte digna de ser ressaltada.

Manoel Dutra Bessa morreu pobre e ignorado. Mas a obra que realizou tornou-o digno de figurar entre os maiores de Santa Catarina.

Tivesse êle sido um medalhão político e certamente o seu nome estaria nalguma rua ou praça. Mas, não foi político. Não foi um medalhão. Foi um simples; um lutador; um desbravador; um idealista. O herói da batalha do trigo. Deve pois ser o seu nome arrancado das cinzas do esquecimento e colocado nos corações dos que hoje contemplam a vitória do trigo nacional.

À memória de Manoel Dutra Bessa, a nossa saudade. O nosso tributo de admiração. Saudade e admiração de quem conhece o drama do trigo nacional e que vem também de longos anos batilhando na tribuna, na imprensa, nos conclaves, em defesa do humilde e esquecido trabalhador rural.

Adolfo Konder vive ainda. E vive em nosso coração.

Justiça para dois nomes que são dois padrões de virtudes!

* *
*

A safra de trigo para o corrente ano de 1952, só no Oeste Catarinense é assim estimada:

Chapecó	500 mil sacos
Concórdia	300 " "
Joaçaba	300 " "
Videira	250 " "
Caçador	200 " "
Campos Novos	200 " "
Capinzal	200 " "
Tangará	150 " "
Piratuba	100 " "

Total 2.200.000 sacos de 60 quilos

Ao preço mínimo de 150 cruzeiros por saco, temos 330 milhões de cruzeiros.

Os municípios de Curitiba, Lajes, São Joaquim, Pôrto União, Canoinhas, Itaiópolis e o Sul do Estado, também cultivam o trigo, em menor escala, mas com possibilidades de considerável aumento, notando-se mesmo um grande impulso.

Chapecó pode atingir, sem muito esforço, dentro de 2 anos, a um milhão de sacos, pois dispõe de grandes áreas de primeira qualidade e muitas delas propícias à mecanização.

Também os demais municípios do Oeste podem alcançar sensível aumento, principalmente agora que contam com a assistência bastante acentuada.

De cultura secundária, passou o trigo a ocupar preponderante lugar na economia desta região.

No Oeste, é plantado na sua maioria pelo colono ítalo-brasileiro, o qual, além da parte comercial, retém sempre uma boa quantidade para seu consumo, sendo o pão o seu principal alimento.

E' notável a diferença da criança da zona rural desta região com a de outras zonas. As daqui são fortes, coradas, bonitas, contrastando de um modo chocante com as das zonas de outros Estados, segundo pudemos observar.

O elemento indígena desta região é tão bom triticultor quanto o ítalo ou o teuto-brasileiro. Até os índios do tôlido de Xanxerê plantaram trigo neste ano, sob a fiscalização e orientação do Serviço de Expansão do Trigo.

O que é digno de notar é que, o trigo, nesta região, não constitui monocultura, pois outros cereais são cultivados em grande escala, como o milho, o feijão, etc.

Estão localizados no Oeste Catarinense 35 moinhos com uma capacidade de moagem diária de 30 a 600 sacos, sendo que predominam os de capacidade média.

Eis aí mais um importante fator de equilíbrio econômico-social, pois que não se acham concentrados em um só município bem como são vários os proprietários.

São inaugurados no Oeste armazéns com câmara de expurgo, para depósito do trigo em grão e localizados em Caçador, Videira, Joaçaba e Concórdia e Lajes no Planalto Serrano.

Achem-se projetados silos com capacidade para 5 mil toneladas, em Joaçaba e Videira, mediante financiamento da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos.

Se o Serviço de Expansão do Trigo dispuser de recursos adequados e continuar a prestar a sua assistência, como vem fazendo, podemos prever, para dentro de um quadriênio, colheitas de 500 mil toneladas no Oeste Catarinense.

O serviço de transporte merece cuidados especiais, apesar de dispor de armazéns e silos, para o escoamento da farinha.

